

*Com o seu insuperável
domínio da técnica
cinematográfica, ele vem
provocando risos e sustos
nas platéias do mundo inteiro
há quase cinquenta anos*

JAMES STEWART-GORDON
Condensado de STAR

Alfred Hitchcock, Mestre dos Calafrios

OS JORNAIS escondiam os rostos de quase todos os ocupantes do elevador. Quando este começou a subir, o silêncio foi quebrado por um senhor gordinho, de cara de lua, que dizia a um companheiro: «Eu não sabia que a arma estava carregada.»

Vários rostos surgiram de trás dos jornais. «Ela me disse», continuou, «que seu marido tinha viajado no fim-de-semana. Quando ela bateu na porta, reagi instintivamente.»

Os jornais estavam agora a «meio-pau», e todos os olhares se concentravam no homenzinho. «A arma detonou e, naturalmente, acertou-o na cabeça», concluiu, saindo do elevador com seu amigo.

O narrador não era nenhum humorista amador, mas um velho profissional e especialista em prender a atenção do público, e deixá-lo com os nervos em frangalhos. Gordo, ebuliente e inventivo, à beira dos 74 anos, Alfred Hitchcock realizou, em meio século, 52 filmes, que renderam aproximadamente duzentos milhões de dólares, e produziu 350 programas de TV de grande popularidade, em quase todos associando crimes com *suspense*.

Além disso, um contagiante senso de humor e uma meticulosa atenção

pelos detalhes permitiram a Hitchcock se tornar um dos poucos diretores a sobreviver à transição entre os cinemas mudo e sonoro. Seus filmes mais antigos, como *Os 39 Degraus*, *Agente Confidencial*



e *A Dama Oculta*, são ainda hoje tão emocionantes como há quase quarenta anos. Em *Intriga Internacional*, ele criou a fórmula pela qual se talharam todos os filmes de James Bond e seus imitadores.

O seu *Psicose* é considerado por muitos como o mais convincente *thriller* de todos os tempos. E *Frenesi*, há pouco, foi escolhido como um dos dez melhores filmes de 1972.

Embora Hitchcock tenha dirigido todos os gêneros de filmes, da comédia ao drama de costumes, sua maior contribuição profissional foi a de transformar, quase sozinho, a clássica história de detetives, em que o autor do crime só é descoberto nos últimos segundos, para torná-la uma teia envolvente de *suspense*, temperada com gritos involuntários, e salpicada com algumas gargalhadas. Nada é o que parece ser, no mundo imaginativo de Hitchcock. A intriga e o perigo se escondem nos lugares mais incríveis e aparentemente mais inocentes. Garrafas de vinho guardam o segredo da bomba atômica; parentes queridos transformam-se em assassinos; e os monumentos, como a Estátua da Liberdade, tornam-se palco de insuportável terror.

Há muito que Hitchcock participa, em pessoa, de tudo isso. Num de seus primeiros filmes, *The Lodger* (literalmente, «O hóspede»), uma cena deveria mostrar um jornalista sentado à mesa de trabalho.

Sem dinheiro para contratar um extra, Hitchcock sentou-se ele mesmo à mesa. Nos filmes seguintes, continuou a fazer breves aparições, sempre que era exigida uma figura secundária. Logo os críticos começaram a notar a inconfundível silhueta de Hitchcock. Hoje, ele pode se permitir todos os extras de que precisa, mas continua com a brincadeira de aparecer em algumas cenas de multidão. E o interesse da platéia em localizá-lo tornou-se tão grande que, agora, passou a fazer suas aparições o mais cedo possível no filme. «Quero que os espectadores parem de me procurar», diz, «e continuem a ver o filme.»

Implicações sinistras. O ator Norman Lloyd afirma que Hitchcock conhece mais os aspectos da realização de um filme do que qualquer outra pessoa que ainda venha a aparecer em Hollywood. «Quando estávamos realizando *Saboteur*, no qual eu interpretava o papel-título, Hitchcock filmou engenhosamente uma cena do navio francês *Normandie*, destruído pelo fogo no seu *pier* em Nova York, e montou-a ao lado de um *close-up* de meu rosto, dentro de um táxi. Primeiro, eu olhava pela janela; depois, ele cortava para a cena do navio; e depois voltava para mim, que dava uma risadinha satisfeita. Era uma seqüência belíssima, com implicações sinistras que não agradaram à Marinha.»

Em 1944, ele concebeu a idéia de um filme (*Notorious*) no qual os nazistas trabalhariam, no Brasil,

na fabricação de alguma espécie de superbomba. Hitchcock foi ao físico Robert Millikan, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, e perguntou-lhe sobre a possibilidade de tal bomba ser produzida. Millikan, que trabalhava no projeto da bomba atômica norte-americana sob o mais rigoroso sigilo, ficou branco, e passou duas horas tentando convencê-lo de que esse projeto era impossível. E foi só após a explosão da bomba em Hiroxima que Hitchcock compreendeu por que vinha sendo observado por agentes do F. B. I., logo depois de seu encontro com Millikan.

Risos e sustos. Uma vez decidida a história básica, Hitchcock trabalha intimamente com o autor do roteiro, na produção de um tratamento visual, no qual só o diálogo e a caracterização devam ser acrescentados para que se tenha um roteiro completo. De sua tendência pela comédia maliciosa, ele afirma: «Não se pode assustar uma platéia durante duas horas, sem lhe dar algumas pausas para respirar.» Mas, os momentos de riso são sempre seguidos por outro clímax. «Por exemplo, o herói e a heroína estão sozinhos num quarto, convencidos de que o assassino está esperando do lado de fora. A porta se abre lentamente e, enquanto a platéia começa a suar, entra um gato. Todo mundo ri, aliviado, até descobrir que o assassino está, não do lado de fora, mas do lado de dentro, apontando uma pistola para

a cabeça do rapaz e da moça. O susto será muito maior!»

Um eterno detalhista, Hitchcock é o mestre indisputado no palco de filmagem. Nunca discute com os atores, embora esse tipo de provocação seja freqüente em qualquer estúdio. Certa vez, Ingrid Bergman lhe disse que não gostava do que ele a tinha mandado fazer, mas Hitchcock simplesmente deu-lhe as costas e acabou com a discussão.

Escada acima. Hitchcock desenvolveu bem cedo seu espírito de observação. Nascido perto de Londres, em 1899, filho de um comerciante de aves e ovos que se especializara no fornecimento a navios, ele acompanhava freqüentemente o pai nas visitas aos capitães a bordo. Essas excursões excitaram sua sede de viajar, e fizeram com que se interessasse por geografia. Aos oito anos, começou a satisfazer seu gosto pelas viagens, passeando sozinho por todas as linhas de ônibus de Londres, e tomando os vapores fluviais que conduziam até a embocadura do Tâmisa, em Gravesend. Enquanto isso, expandia seus conhecimentos de geografia construindo um imenso mapa de parede, que mostrava a posição diária de quase todos os navios ingleses ao redor do mundo.

Mais tarde, tornou-se um ávido freqüentador de teatro, e passou muitas horas na prisão de Old Bailey, assistindo aos julgamentos de criminosos e recolhendo material em sua mente, da mesma forma como o jovem Charles Dickens tinha

feito quase um século antes. Aos dezessete anos, entrou para a Universidade de Londres, a fim de estudar arte. Não contente em se preparar para uma carreira apenas, estudou também navegação e ciências políticas. Abandonou a escola antes de se formar, e arranjou um emprego de mensageiro, a três dólares e cinquenta por semana.

Em 1920, já interessado por cinema, leu nos jornais que uma companhia americana planejava rodar em Londres um filme chamado *The Great Day*. Na manhã seguinte, já estava acampado na porta do produtor, com uma série de vinhetas para as legendas que se usavam no cinema mudo. Impressionado pelo fato de Hitchcock ter lhe submetido um trabalho acabado, ao invés de uma simples proposta, o produtor o contratou para trabalhar na preparação do roteiro.

Galgou rapidamente todos os degraus — escritor de roteiros, diretor de arte, gerente de produção, diretor assistente e, aos 25 anos, diretor de cinema. Seu domínio técnico da câmara, dos cenários e do *suspense* culminaram numa vertigem de excitação, entre 1935 e 1938, os anos nos quais Hitler preparava a sua arremetida contra o mundo. Hitchcock, com seu infalível senso de oportunidade, sabia que o clima de medo que se estava gerando poderia encontrar expressão em histórias de sabotagem e espionagem internacional. A série de filmes que começou com *A Dama Oculta* e terminou

com *Os 39 Degraus* (votado pelos críticos de Nova York como o melhor de 1938) construiu a fama de Hitchcock em todo o mundo.

Em 1938, foi aos Estados Unidos, gostou de lá, e retornou um ano depois, para viver, e dirigir filmes em Hollywood. Seu primeiro filme americano, *Rebecca*, *A Mulher Inesquecível*, ganhou o Oscar de «o melhor do ano». Hitchcock já concorreu cinco vezes ao Oscar de melhor diretor.

O calafrio calculado. Os filmes de Hitchcock são elaborados tão cuidadosamente que falam uma linguagem internacional. Há alguns anos, um amigo de Hitchcock comprovou isso telefonando para gerentes de cinemas em Toronto, Paris e Honolulu, nos quais estava sendo exibido *Os Pássaros*, um dos filmes mais aterrorizantes já produzidos. Ele indagou sobre a reação das platéias durante determinadas passagens do filme, tomadas ao acaso, e depois checkou-a com o mestre, para ver se este podia descrevê-la. Hitchcock assumiu sua pose característica e apontou, com absoluta exatidão, cada gargalhada e cada calafrio em *Os Pássaros*.

«Notável», disse espantado o amigo.

«Bobagem», resmungou o imperturbável Hitch. «Se eu não soubesse como a platéia iria reagir, não teria arriscado todo o meu tempo e dinheiro fazendo o filme.»

Com pouco mais de vinte anos, quando ainda estava em Londres, Hitchcock se casou com Alma Reville, autora dos roteiros de

vários dos seus filmes. Essa parceira, dentro e fora do estúdio, num mundo em que as pessoas parecem estar sempre entrando e saindo dos casamentos, já dura 46 anos. O pior momento em qualquer realização de Hitchcock é quando ele e Alma se sentam sozinhos em sua sala particular de projeção para assistir ao filme já pronto, antes de mandá-lo para os distribuidores. Na noite em que assistiam a *Psicose*, Alma disse: «Você não pode liberar este filme, Hitch.» Seu queixo caiu, de surpresa. «Depois que Janet Leigh é morta no chuveiro, pode-se vê-la respirar.» Quando repassaram aquela cena, Hitchcock viu o defeito. Reparou-o imediatamente, e o filme foi enviado aos distribuidores.

Hitchcock e sua mulher vivem hoje na mesma casa que compraram em Bel Air, quando chegaram à Califórnia, há 34 anos. Quando os visitei recentemente, Hitchcock soube que eu era grande apreciador de determinado vinho Bordeaux, que eu raramente tomava por ser muito caro. Mais tarde, quando o carro de Hitchcock me levou ao hotel, o motorista me estendeu um embrulho. Dentro dele havia três garrafas daquele Bordeaux, e tão velhas que, se me contassem, não teria acreditado. Junto delas havia uma nota: «Há apenas quarenta garrafas deste vinho em todo o mundo. Quando você *matar* estas três, só restarão 37.»

Involuntariamente, tive a impressão de ter sentido um calafrio.